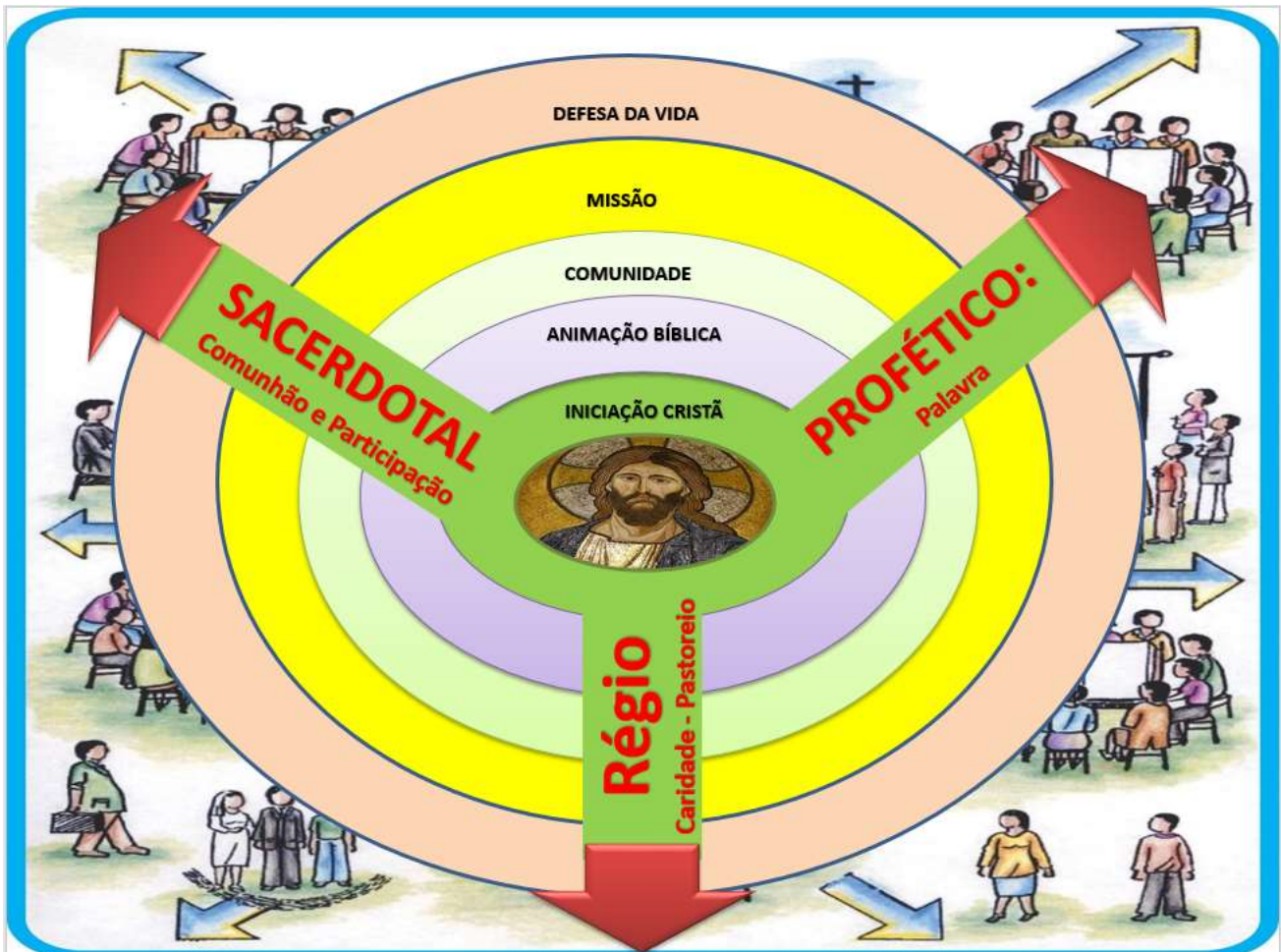


DIOCESE DE IGUATU

PLANO DE PASTORAL – 2017 a 2019



OBJETIVO GERAL DA AÇÃO EVANGELIZADORA

EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.

EQUIPES DE ARTICULAÇÃO DAS URGÊNCIAS

- **INICIAÇÃO CRISTÃ):** Catequese, Liturgia, Ministérios Ordenados e Vida Consagrada
- **ANIMAÇÃO BÍBLICA:** Cebi, Circulos Biblicos
- **COMUNIDADE DE COMUNIDADES:** Cebs, Conselho de Leigos, Associações e Movimentos Laicais, Setor Juventudes, Sustentabilidade
- **MISSÃO:** Comidi, IAM, IJM, Comipas, PASCOM
- **DEFESA DA VIDA:** Pastorais Sociais, Pastoral Familiar, ECC, Cáritas, CBJustica e Paz, CDDH AC



BISPO DIOCESANO

D. Edson de Castro Homem

VIGÁRIO GERAL

Pe. Lázaro Augusto Luzno Nogueira

CHANCELER

Pe. Francisco Ernandir Ferreira

ECÔNOMO

Pe. Márcio Basílio

COORDENADOR DIOCESANO DE PASTORAL

Pe. João Batista Moreira Gonçalves

COORDENAÇÃO DIOCESANA DE PASTORAL

Pe João Batista Moreira Gonçalves (Coordenador)

Ir. Cláudia (Carmelita Missionária - Iguatu)

Ir. Maria do Carmo (Iguatu - Jardim Oásis)

Marlos Moreira (Juventudes)

Alcileide Bezerra de Oliveira (Defesa da Vida)

Antônio Felix de Souza (CEBs)

Andreia Alves (Missão Resgate - Conselho de Leigos)

Felipe Ramos (Animação Bíblica)

CONTATOS

Site: www.diocesedeiguatu.org.br

E-mail da Cúria: curiadeiguatu@hotmail.com

E-mail da coordenação: cdp.iguatu@hotmail.com

EQUIPES DE ARTICULAÇÃO DAS URGÊNCIAS

- **INICIAÇÃO CRISTÃ:** Catequese, Liturgia, Ministérios Ordenados e Vida Consagrada
 - Assessores: Pe. Glauberto e Pe Wallace
 - Coordenadora: Ir. Maria do Carmo
 - Catequese: Maria da Silva Mendes (Nelma)
 - Liturgia: Maria Cândida de Oliveira Lima
 - Anézio Lopes
 - Ministérios Ordenados e Vida Consagrada: Ir. Verônica
Ir. Sandra Duarte
- **ANIMAÇÃO BÍBLICA:** Cebi, Circulos Biblicos
 - Assessores: Frei Manoel e Pe Glebson
 - Coordenador: Felipe Ramos
 - Ir. Ivanilse
 - Pe. José Leandro
 - Pe. Caludione
 - Rafael
- **COMUNIDADE DE COMUNIDADES:** Cebis, Conselho de Leigos, Associações e Movimentos Laicais, Setor Juventudes, Sustentabilidade
 - Assessores: Pe. Anastacio, Pe Roberto, Pe. Jaime e Frei Paulo
 - Coordenadores: Andreia e Ítalo
 - Legião de Maria: Maria de Fátima
 - RCC: Aurilene
 - Juventudes: Marlos
 - Missão Resgate: Glauber Iure
 - Sustentabilidade: Edna e Pe. Jaime
 - CEBS: Lúcia Cristina e Félix
 - Mãe Rainha: Maria Cleudenia
Email: mariaCleude18@hotmail.com
- **MISSÃO:** Comidi, IAM, IJM, Comipas, PASCOM
 - Assessores: Pe. Gil, Pe. Jailson e Pe. José Batista
 - Coordenadora: Ir. Cláudia DIAC
 - Misilva
 - Maria Augusta
 - Coordenadora do COMIDI: Ir. Rita
 - IAM: Ir. Judecy
 - IAM: Romário
 - JM: Ir. Cláudia
 - Lilmar
 - PASCOM: Alex
 - PASCOM: Ana Paula
- **DEFESA DA VIDA:** Pastorais Sociais, Pastoral Familiar, ECC, Cáritas, CBJustiça e Paz, CDDH AC
 - Assessores: **Pe. Erasmo e Pe Joao Melo**
 - Pastoral Familiar: Vera e Eurení
 - Pastoral Carcerária: Auxiliadora
 - CBJustiça e Paz: Daniel de Araújo Nunes
 - Pastoral da Criança: Francisca Maciel da Silva e Alcileide Bezerra de Oliveira
 - CPT: Maria Nacilda Firmino dos Santos e Ana Elenice Morais Silva
 - Ir. Ivonete Clares Rodrigues dos Santos

COORDENAÇÕES DOS ZONAIS

ZONAL I
Coordenador: Padre Jailson (88 9 9664-5085)
Iniciação Cristã: Ismael (88 99619-5285) e Neuba Rocha (88 99929-5006)
Defesa da Vida: Valdenisia (88 99217-8578) e Elenice Morais (88 99928-7135)
Comunidades: Ana Rosa (88 99651-5769) e Lila (88 99981-3680)
Missão: Maria Alber (88 99712-6394) e Missilva (88 99958-3179)
Vida Consagrada: Ir. Eusébio (88 99770-0706) e Ir. Irene (88 99965-3196)
ZONAL II
Coordenador: Pe. Ademar (88) 9-9608-6221
Missão: Cícero Alexandre (Icó) (88) 9-9294-8752
Iniciação Cristã: Ana (Orós) (88) 9-9725-7676
Animação Bíblica: Bonfim (Lima Campos) (88) 9-9264-7718
Comunidades: João Joca – Várzea (88) 9-9601-6711
Defesa da Vida: Auxiliadora – Cedro (85) 9-9965-0044
ZONAL III
Coordenador: Pe. José Alves
Vice Coordenadora: Ir. Ana Maria
MISSÃO: Francisca Barbosa (Cariús)
INICIAÇÃO: Genildo (88) 9.9765-5264 (São Pedro) e Denise chaves (88) 9.88819640 (Jucás)
ANIMAÇÃO BÍBLICA: Alessandro (Cariús) e Francisca Idelvania (88) 9.97443127 (Jucás)
COMUNIDADE DE COMUNIDADES: António (88) 9.96369028 (São Pedro)
DEFESA DA VIDA: Maria Auxiliadora (88) 9.99928439 (Jucás)
ZONAL IV
Coordenador: Pe. José Ribeiro
Missão: Ir. Sandra (Piquet Carneiro) e Pe. Edival (Santa Cruz)
Iniciação Cristã: Expedita (Mineirolândia), Marli (Mombaça) e Pe. Lázaro (Mombaça)
Animação Bíblica: Félix (Mombaça), Laurinda (Mombaça) e Anatólia (Pedra Branca)
Comunidades: Pe. Antônio Menezes (Pedra Branca) e Ana Paula (Pedra Branca)
Defesa da Vida: PE. Rubens (Pedra Branca), Liliane (Santa Cruz) e Cacilda (Mombaça)
ZONAL V
Coordenador: Pe. Erasmo – (88) 9 8848-8264 / 9 9432-7872
Missão: Mariza (Quase Paróquia São José) – (88) 9 9987-8922
Iniciação Cristã:
Animação Bíblica: Nacélia (Solonópole) – (88) 9 9773-9671
Comunidades: Iêda (Milhã) (88) 9 9920-9284
Defesa da Vida: Débora (Senador Pompeu) – (88) 9 9783-2389
ZONAL VI
Coordenador: Pe. Yukio – (88) 9 9982-4126
Missão: Maria Augusta – (88) 9 9798-5866
Iniciação Cristã: Néuma – (88) 9 9850-1222
Animação Bíblica: Felipe – (88) 9 9973-6398
Comunidades: Noedia – (88) 9 8826-4884
Defesa da Vida: Ir. Necilda – (88) 8141-7298 / 9 9752-6269
ZONAL VII
Coordenador: Pe. Claudione (88) 9-9761-3560
Animação Bíblica: Ir. Ivaneide (88) 9-9987-3967

Missão: Ronério (88) 9-8149-7877
Iniciação Cristã: Pe. Claudione (88) 9-9761-3560
Comunidades : Raimunda
Defesa da Vida: Idevanir (88) 9-9703-6758

O CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL tem a seguinte composição:
Bispo Diocesano
Coordenador de Pastoral
Equipes de Articulação das Urgências
Coordenações dos Zonais

DESCRIÇÃO DA DIOCESE E DA REALIDADE GEOGRÁFICA, CULTURAL E SOCIAL

A Diocese de Iguatu é composta de 26 paróquias distribuídas em 19 Municípios.

Está localizada no sertão cearense e compreende a Região Centro Sul (Iguatu, Acopiara, Quixelô, Jucás, Cariús, Catarina, Icó, Cedro, Orós e Saboeiro), parte da Região dos Inhamuns (Aiuaba e Arneiroz...) e parte do Sertão Central (Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Senador Pompeu, Milhã, Solonópole e Irapuã Pinheiro). Seu território tem uma extensão 29 mil km²

Clima: Por ter todo o seu território caracterizado como semiárido legal, dentro do Bioma Caatinga seu clima é Tropical Quente Semiárido, que caracteriza-se por altas temperaturas durante todo o ano e uma média pluviométrica de 350 a 700 ml/ano

Neste território vive uma população de 541.113 habitantes, sendo 266.721 homens e 274.392 mulheres. Desta população, 299.582 residem nas cidades e 241.531, no meio rural, o que corresponde a 55,37% e 44,63%, respectivamente. O município que concentra a maior população na cidade é Iguatu, seguido de Orós. O Município mais rural é Aiuaba com 75,61 de sua população residindo no campo.

População Jovem: No território da Diocese de Iguatu, 51,76% de sua população total é formada por pessoas de até 29 anos de idade. São 280.099 pessoas nessa condição – 138.177 de 0 a 14 anos e 141.922, de 15 a 29 anos. Destes, 100.084 têm de 15 a 24 anos, o que corresponde a 70,52% de toda a população jovem. O Município mais jovem é Aiuaba com 55,60 de sua população com idade até 29 anos. Orós é o Município com menor população jovem (48,18 %).

Níveis de analfabetismo: 130.094 pessoas com 15 anos ou mais são analfabetas (funcional ou total). Esse número corresponde a 24,04% da população total deste território. O maior índice está no município de Acopiara com 12.680 pessoas nessa condição, o que representa 42,96 da população local. O melhor índice é do Município de Iguatu com 23%, o que equivale a 17.071 pessoas.

Condições Econômicas:

- **Extrema Pobreza:** Há, no território da Diocese de Iguatu uma população de 139.781 pessoas vivendo em extrema pobreza, ou seja, com até R\$ 70,00 por mês. Isso corresponde a 25,83% da população total. Destes, 67,03% vivem na zona rural (93.692) e 32,97%, na zona urbana (46.089). Aiuaba é o município com maior índice de pessoas nessa condição – 36,14% da população local. O menor índice

é do município de Iguatu com 13,14% (12.676), em extrema pobreza. Orós é o único município da Diocese em que o maior número de pobres está na cidade.

- **Principais Fontes de Renda:** O serviço Público e a agricultura familiar foram apontados por todos os municípios como a principal fonte de renda, seguidos de aposentadorias, Bolsa Família e Comércio.
- **Trabalho/Emprego:** A principal fonte do emprego formal na região é no serviço público. Nos municípios de Aiuaba, Arneiroz, Catarina, Irapuan Pinheiro, Milhã e Saboeiro, o serviço público é praticamente o único empregador.
- **Assistência social:** Nenhum município tem uma política estruturada de desenvolvimento. Todos os municípios apenas executam programas federais que têm como beneficiários as família (Bolsa família, Programa do Leite, PAIF, PAEF); para Jovens (pro jovem); Criança e adolescente (PETI, brinquedoteca, Liberdade Assistida, AABB Comunidade); Idosos (programas para a terceira idade). Apenas 02 municípios (Mombaça e Solonópole) referiram-se ao acesso de Programas de habitação (Minha Casa Minha Vida).
- **Bolsa Família:** É o principal programa da Assistência Social para 13 Municípios que responderam o questionário. São 58.119 beneficiários em 13 Municípios. Apenas 02 municípios mencionaram ter pequenas iniciativas assistências próprias como urna funerária, cestas básicas, compra de óculos.

Saúde: No território da Diocese de Iguatu existem 25 hospitais, 24 deles fazem atendimento básico (baixa complexidade). Realizam atendimentos básicos tais como: partos, atendimento ambulatorial, urgência e emergência, pequenas cirurgias, exames laboratoriais. O Hospital Regional de Iguatu deveria ser de média complexidade. Os atendimentos mais complexos são transferidos para Iguatu, Juazeiro, Barbalha e Fortaleza

Médicos por cada mil habitantes: Apenas 15,78% dos Municípios têm mais de 01 médico para cada mil habitantes (Irapuan Pinheiro (1,21), Jucás (1,26) e Saboeiro (1,14). O pior índice é o de Mombaça com apenas 0,30 para cada mil habitantes. A média de todos os municípios da diocese é de 0,74 /mil hab.

- **PSF:** Nos 14 Municípios que responderam o questionário, existem 131 equipes do Programa Saúde da família. Destas, 83 são completas e apenas 11 (Acopiara e Itapuan Pinheiro) residem na comunidade onde atuam. Todos os municípios alegam a dificuldade de em contratar profissionais, principalmente médicos.
- **Agentes de saúde:** Nos 11 Municípios que responderam o questionário, existem 544 agentes comunitários de saúde. Isso dá uma média de 410 habitantes para cada agente de saúde
- **Mortalidade Infantil:** os índices vêm diminuindo a cada ano, mas nos municípios de Irapuan Pinheiro, Aiuaba e Senador Pompeu ultrapassa os 30% de cada mil nascidos vivos. As menores taxas estão em Quixelô (4,27), Saboeiro (4,37) e Jucás (5,33). A Média no território diocesano é de 15,76

Meio Ambiente:

- **Água para o consumo:** Nos 15 Municípios que responderam o questionário, a água para o consumo humano recebe tratamento feito pela CAGECE (09 Municípios) e SAAE (05 Municípios). Somente 01 Município (Orós) disse que esse serviço chaga ao meio rural. 01Município não recebe tratamento.
- **Saneamento Básico:** Acompanha a realidade de todo o Estado do Ceará. Dos 15 municípios que responderam, somente 05 têm algum tratamento de esgotos (Acopiara, Jucás, Iguatu, Irapuan Pinheiro

e Quixelô). Os demais disseram que o esgoto é jogado “in natura” em rios, açudes, lagoas e outros mananciais.

- **Resíduos Sólidos:** Em todos os municípios, há coleta regular do lixo: tanto doméstico como hospitalar. Apenas 02 Municípios disseram fazer coleta esporádica em comunidades rurais mais centrais como os distritos, mas o destino do lixo é um só: O LIXÃO. Todos os municípios disseram que o lixo hospitalar é incinerado. Todos os municípios disseram não ter política de resíduos sólidos.
- **Uso de Agrotóxicos:** Nos 15 Municípios que responderam o questionário, o uso de agrotóxicos na lavoura é recorrente. Os mais citados são passaquat e Glifosato (Monsanto e Singenta). 05 municípios disseram que não há nenhuma orientação sobre o uso e aplicação desses produtos. 07 Municípios disseram que existem ações de conscientização para os agricultores, realizadas pela SMA/Meio Ambiente e EMATERCE. Somente 01 Município (Piquet Carneiro) disse que os agricultores não usam agroquímicos na lavoura.
- **Queimadas:** Quase todos os Municípios disseram ser uma prática recorrente. A situação é igual ao item anterior. 01 Município (Acopiara), tem um trabalho de controle e combate a queimadas.

Agricultura: Todos os municípios disseram que a sua principal atividade agrícola é a agricultura de sequeiro.

- **Principais Cultivos:** feijão, milho e fava. 09 Municípios disseram plantar também arroz. 05 Municípios destacaram entre os principais cultivos, o plantio de frutíferas (Acopaira, Jucás, Iguatu, Piquet Carneiro e Quixelô).
- **Agricultura Agroecológica:** 07 Municípios disseram que reconhecem algumas experiências agroecológicas em seus territórios. Em Acopiara e Saboeiro existem incentivos à essas práticas por parte do poder público. Nos demais, são experiências implementadas e/ou acompanhadas pela sociedade civil (Elo Amigo) e pela Igreja (Cáritas Diocesana e CPT). Foram nomeadas 142 experiências. O Município de Jucás citou experiências de hortas agroecológicas em 05 escolas.

Recursos Hídricos: o território da Diocese tem como principal Rio, o Jaguaribe e muitos outros como afluentes (Trussu, Salgado, Bastiões, Conceição...). Existem 15 açudes: Orós, Trussu (Iguatu), FAE (Quixelô), Quincoê (Acopiara) Arneiroz II (Arneiroz), Lima Campos (Icó), Patu (Senador Pompeu), Riacho do Sangue (Solonópole), Serafim Dias (Mombaça), São José II (Piquet Carneiro) Ubalzinho (Cedro), Benguê (Aiuaba), Muquém (Cariús) e Trapiá e Capitão Mor (Pedra Branca), além de muitos outros reservatórios de pequeno porte. Só nos açudes monitorados pela COGERH, num ano de chuvas regulares, podem acumular, aproximadamente, 5 bilhões de m³.

Organizações da Sociedade Civil: Há um número razoável de organizações da sociedade civil: Associações, Federações de associações, Sindicatos (STTR, Servidores Públicos e Patronal), ONG's e outros (Marçonaria, Lions e Leo). As mais citadas são Associações Copmunitárias e Sindicatos dos/as Trabalhadores/as Rurais (STTR's). 06 Municípios disseram ter Sindicato de Servidores Públicos. 01 Município disse ter apenas o STTR.

Conselhos de Políticas Públicas: Em todos os Municípios existem os Conselhos de Políticas Públicas Obrigatórios: FUNDEB, Saúde, Educação. Existem outros como CMAS, CMDS, CMDCA, Tutelar, CONSEA, Cultura.

Manifestações Culturais: Todos os Municípios têm no seu perfil, a Festa do/a Padroeiro/a como a sua principal atividade cultural. Em 10 Municípios é a única festa citada. Os demais citam festas tradicionais do Município (Semana do Município, Forricó, Iguatu Festeiro, Festival de quadrilhas...). Eventos de outras artes (Teatro, Festival circense, arte de rua) foram citados por Iguatu, Acopiara e Arneiroz.

Aspecto Religioso: Há uma proliferação de novas denominações religiosas. As mais citadas são Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo

REALIDADE PASTORAL

Conforme apresentação do diagnóstico social, a Diocese de Iguatu possui uma grande extensão territorial, sendo distribuída em sete (07) zonais, congregando **28 paróquias, 04 Quase-Paróquias e 02 áreas pastorais**. A finalidade desta distribuição é para uma melhor articulação pastoral na Diocese.

O clero da Diocese é composto na sua maioria por padres diocesanos, relativamente jovens. Há também a presença religiosa dos frades carmelitas, irmãos maristas e várias comunidades religiosas femininas, bem como as novas comunidades.

No celeiro das vocações, há um crescente trabalho da pastoral vocacional. Atualmente, existem **21 seminaristas** entre o propedêutico, estudantes de Filosofia e Teologia. As paróquias são incentivadas a criar as EVP (Equipes Vocacionais Paroquiais).

A realidade das paróquias apresenta um quadro pastoral bastante diversificado. Na sua grande maioria, existem os conselhos pastorais, econômico e de CEB's, sendo estes responsáveis pela dinamização e organização pastoral paroquial. A escolha dos membros dos conselhos pastorais é feita através de eleição e representação dos grupos pastorais existentes. Já o conselho para assuntos econômicos, na sua maioria, é escolhido por indicação do próprio padre. A Diocese já dispõe de um conjunto de orientações e diretrizes para a constituição desses conselhos nas paróquias.

Há uma variedade de pastorais, serviços e movimentos nas paróquias, desde os mais tradicionais (como Vicentinos, Apostolado da Oração e outros), aos mais "renovados" como RCC, ECC e Mãe Rainha. As pastorais também se misturam na Diocese: pastorais litúrgico-sacramentais, que são a grande maioria e as pastorais sociais, que lutam para ser o coração de Jesus Pastor, no meio da população mais carente. Estas precisam de maiores incentivo, acolhida e presença nas paróquias.

As CEB's estão vivas na Diocese. Presentes em todas as paróquias, mas precisando ser mais articuladas em outras. A coordenação diocesana tem incentivado a criação dos conselhos de CEB's, para fomentar a comunhão e a participação. Nas comunidades, acontecem as celebrações da Palavra (Dia do Senhor), mas com uma participação tímida da grande maioria das pessoas. Como desafios, aparecem a formação litúrgica e a dimensão sócio-transformadora das CEB's.

A Catequese está presente em todas as paróquias. Iniciamos em muitas delas a iniciação cristã com inspiração catecumenal. Precisa-se fazer a ponte com a liturgia e a vida. O conteúdo apresentado é bastante diversificado, não sendo padrão em toda a Diocese. A formação para os catequistas acontece no âmbito diocesano, com pouca participação dos catequistas; nas paróquias, acontece mais a nível de encontros mensais para planejamento e aprofundamento. Falta uma formação mais permanente e integral.

A Pastoral Sacramental (Batismo e Matrimônio) é desafiante na realidade diocesana. Como acolher pais e padrinhos num contexto secular de busca exclusiva para os sacramentos. Atualmente, existem nas paróquias o "Curso de Batismo" e o "Curso de Noivos", que variam muito no tempo e na metodologia. Não há um material específico na Diocese. O Diretório Sacramental é esperado com grande expectativa pelos agentes de pastoral.

Como o grande desafio apontado pela Conferência de Aparecida, também a Diocese de Iguatu se questiona: como superar uma pastoral de conservação para uma pastoral iminentemente missionária.

“A partir de Jesus Cristo e da força do Espírito Santo...” Queremos ser: Igreja da Comunhão e Participação, Igreja Missionária e Solidária!

A Diocese de Iguatu em comunhão com a CNBB, nacional e regional, a partir das Diretrizes gerais da Ação Evangelizadora no Brasil retoma na construção de seu Plano de Pastoral para o triênio 2017-2019 o compromisso com as cinco urgências da evangelização e os desafios pastorais definidos na última Assembleia de Pastoral do Regional Nordeste I realizada de 8 a 11 de Outubro de 2015: **Fortalecer e criar Comunidades em torno da Palavra dos Sacramentos e da Caridade que favoreçam o encontro com Jesus Cristo através de uma Iniciação Cristã que leve os fiéis, fortalecidos na Palavra, assumirem a Tríplice Missão da Ação Evangelizadora da Igreja na defesa da vida no campo e na cidade.**

A Igreja compreende e fundamenta sua origem e missão no Deus da vida e se deixa interpelar pelo Mistério da Santíssima Trindade, Comunidade perfeita e fonte de toda a existência em sua relação de amor e permanente movimento relacional de Comunhão, Diálogo e Reciprocidade. A Trindade na sua liberdade sagrada sai de si, exterioriza-se e comunica a vida e a liberdade na obra da Criação na Aliança Redentora e na Santificação. Movida por essa “lógica” a Igreja age sob o impulso do Deus Pai Criador que comunica a vida, e na Suprema Liberdade comunica na Pessoa do Filho a Liberdade aos que criou à sua imagem e semelhança e ainda mais lhes capacita com a alegria e a esperança na Pessoa do Espírito para viverem a sua vocação de família de Deus nas realidades da história.

Impulsionada pela dinâmica divina da saída de si ao encontro do outro a Igreja deixa-se conduzir na lógica do amor de misericórdia que se abaixa se debruça como um pai e mãe sobre a dor, o sofrimento e o desespero de seus filhos e filhas: “Com amor eterno eu te amei” (Jr 31,2-3; Ml 1,2; Is 45, 4.17), “Fui eu quem te carreguei no colo...” (Os 11,2-3; Dt 1,31; 32,11), “Ainda que uma mãe esquecesse o bebê de suas entranhas, eu jamais me esqueceria de ti” (Is 49,15-16); “Eu vi a aflição do meu povo, eu ouvi os seus gritos, eu me compadecei dos seus sofrimentos e, por isso eu desci para libertá-lo” (Ex 3,7-10).

Inspirado na experiência do Deus que vem ao encontro, que se põe a caminho, o Papa Francisco convida os membros da Igreja a saírem de suas zonas de conforto a ser uma Igreja em saída em contraposição à cultura da insensibilidade e do individualismo, convida a **fortalecermos a cultura do encontro**. O Deus que se põe a caminho convida no decorrer da história mulheres e homens a aderirem ao seu movimento escatológico de busca do Reino da vida plena e da paz para a humanidade. Convida no Antigo Testamento e no Novo Testamento, interpela ainda hoje: “Sai da tua terra e vai...” (Gn 12,1-2), “Conduz o meu povo a uma terra livre e espaçosa. Vai falar com o Faraó... Vai libertar o meu povo” (Ex 3,8-10), o movimento e de envio e saída “Deus envia seu anjo à Nazaré da Galileia a uma virgem chamada Maria” (Lc 1,26), “Cheia do Espírito, Maria dirigiu-se às pressas para as montanhas da Judéia...” (Lc 1,39), “Então Jesus foi conduzido para o deserto onde passou quarenta dias” (Lc 4,1), “Cheio do Espírito dirigiu-se a Nazaré onde se havia criado...” (Lc 4,14-15), “Então movido pela compaixão Jesus aproximou-se da viúva e mandou parar o enterro” (Lc 7,11-14).

Desinstalar-se, aproximar-se e compadecer-se é o movimento do Espírito de Deus! É a “*Kenósis*” e a Encarnação na história. O Deus que é a suprema majestade e poder esvazia-se de toda grandeza se faz pequenino e servidor de todos na lógica da *Diakonia* (Fl 2,1-11). O Transcendente maior o Outro Absoluto se apequena e se manifesta diante do outro que é a humanidade e permite que o outro seja respeitando sua outridade. Diante destes princípios do Amor Misericordioso da Compaixão solidária da *Kenósis* e da *Diakonia* como vivenciar a Missão da Igreja na sociedade atual marcada pela idolatria do Ter, do Poder, do Prazer e do Saber, e vivendo um ateísmo prático que alija o Deus cristão de todos os empreendimentos sociais passa por cima do Outro (pessoa/natureza)? Quem faz hoje as perguntas: “Deus onde estás?”, “Até quando Senhor?”

“Onde dormirão nossos irmãos os pobres”? Quem houve os lamentos e chora com as Raquéis de hoje a morte de seus filhos pelo Narcotráfico, pela falta de atendimento hospitalar, pela falta de trabalho e moradia?

Contemplando a realidade que vivemos em nosso país, estado e municípios e iluminados pela lógica do Espírito do Deus da Bíblia nos perguntamos: Que espírito nos move? Qual o sentido de nossas ações/promoções/eventos? Quais os sinais do Espírito em nossas ações? Qual a nossa marca e identidade no mundo? Diante da negação da dignidade humana, destruição da Criação e absolutização do que não é absoluto, cabem as perguntas: “Deus onde estás?”, “Qvo vadis Dominni” “Qvo vadis Ekklesia?”. A lógica do Verbo Encarnado nos responde a tais perguntas há séculos: “Quem tem ouvidos que ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 3,6); “Repare onde você caiu e volte ao primeiro amor” (Ap2,5); “Eis que estou à porta e bato” (Ap3 3,20).

Celebram-se a cada dia na sociedade os grandes avanços técnico-científicos que maximizaram a ação humana sobre os fenômenos naturais. Houve na modernidade um processo de endeusamento da razão científica e tudo o que ela possibilitou em termos de produção e acúmulo de riquezas. Contudo, tem-se revelado uma grande deformação da identidade humana (imagem/semelhança) que lhe foi conferida pelo Criador ao lhe coroar com o dom da inteligência para governar o mundo, reduziu-se tudo a um cientificismo pragmatista. Num mundo que se diz racionalista existe uma irracionalidade de fundo que impessoaliza, automatiza e coisifica a pessoa humana imagem e semelhança do Criador. Não há lugar para a pergunta pelo sentido da existência.

Potencializou-se de maneira ilimitada a técnica percebendo-se um verdadeiro atrofiamento da ética em que as pessoas perderam completamente os vínculos fraternos difundindo-se um individualismo exacerbado na vida social. Há um esgarçamento do tecido social em que grandes parcelas da população não cabem nas redes de acumulação desmedida do capital e seus planos econômicos. Como diz o Papa Francisco “Essa economia exclui, degrada e mata.” Dá-se uma deformação da característica relacional humana numa quebra da fraternidade. O ser humano que em nome da liberdade negou a Deus criou uma infinidade de teias que o aprisionam e impedem de viver plenamente sua vocação que é ser livre para amar e servir edificando a humanidade.

Reflete Comblin: “O desafio supremo da liberdade é a escravidão, a presença do escravo ao nosso lado... Na economia atual, é o que acontece. Os vencedores do mercado isolam-se na satisfação dos seus desejos e na tranquilidade de consciência – conscientes de que a sua condição privilegiada é o prêmio merecido pelos seus trabalhos. O resto que fique o mais longe possível. A sociedade atual não tem compaixão. Abandona os vencidos. Crê que goza da liberdade. Mas será mesmo liberdade? Que tipo de liberdade? Liberdade de satisfazer muitos desejos, ditados pelas modas ou pelos imperativos da publicidade”¹.

Decorre desse consumismo ilimitado na busca de satisfação dos desejos um vazio existencial. Emerge daí uma grande sede do sagrado, busca do divino. Não significa abertura à participação em instituições religiosas, mas a de experiências pessoais de Deus, caindo muitas vezes num intimismo religioso utilizando a religião como refúgio aos conflitos do mundo. Muitos já estão cansados das formas e fórmulas que lhes foram repassadas sobre Deus, contudo, pouco ou quase nada lhes levaram a experimentar existencialmente a o amor de Deus e sua misericórdia. É aqui que cabe a pergunta pelo papel do Cristianismo nos dias atuais.

Diante deste processo de desumanização, as Igrejas Cristãs têm em suas mãos, mentes e corações a grande chave que pode abrir os horizontes para a construção de uma nova humanidade e uma nova história a partir da experiência da entrada amorosa e solidária de Deus na história humana através da pessoa de Jesus de Nazaré, revelando-lhe sua vocação à liberdade: “Foi para a liberdade que Deus nos criou” (Gal 5,1.13).

Como apresentar a pessoa de Jesus, seus gestos e palavras, as atitudes fundamentais do Deus que se aproximou da humanidade livremente fazendo-se humano, sem podar nossa liberdade, ao contrário veio nos

¹ COMBLIN, José. Vocação para a liberdade. São Paulo. Paulus; 2005, p. 68.

comunicar a vocação humana à liberdade participando da trama da história e solidarizando-se com as dores e esperanças da humanidade?

Coloca-se em meio aos grandes areópagos da história e da sociedade o desafio de vivenciar e anunciar a alegria do Evangelho de Jesus Cristo encontrar-se com sua pessoa, seguir e testemunhá-lo no compromisso com o Reino do Pai. Convite feito por Jesus e renovado com especial cuidado pelo Papa Francisco de uma Igreja Solidária, Profética e Missionária, Igreja em saída. Tal empreitada pressupõe a experiência existencial de Jesus num encontro pessoal com Ele na vida comunitária chamada Igreja, comunidade dos filhos e filhas de Deus iniciados pelo Batismo para conhecer, amar e vivenciar integralmente sua tríplice missão Sacerdotal, Profética e Pastoral. Igreja: lugar do encontro com o Cristo Palavra que chama à vida comunitária e envia em missão!

Ao convocar o Concílio Vaticano II o papa João XXIII convidou a Igreja a contemplar a face do Ressuscitado. Para realizar o intento pastoral do Concílio foi erguido o facho de luz da Palavra. Iluminaram-se as estruturas internas e tomou-se consciência das manchas e rugas deixadas pela história as quais desfiguraram a face da Esposa de Cristo. Era preciso **turná-la semelhante ao Redentor** que veio recuperar a imagem e semelhança da humanidade com o Criador maculada pelo pecado.

Procedeu assim o Papa João XXIII e os Padres conciliares na realização do Concílio Ecumênico Vaticano II. Consciente das gravíssimas questões mundiais reuniram-se os bispos de todos os continentes para à luz dos tesouros espirituais da Igreja, passar de uma atitude condenatória à atitude fundamental do Bom Pastor Jesus: a compaixão misericordiosa.

Deixar-se guiar pela Palavra de Deus, a exemplo de Moisés, que seguiu a coluna de fogo e guiou o Antigo Israel na transição pelo deserto. Assim agiu pela palavra profética o papa tido como de transição. As palavras de João XXIII tiveram efeito performativo, soaram como verdadeiro evangelho. Exortou a usar o remédio da misericórdia, não repetir condenações do passado, acolher os anseios da humanidade e abrir-se ao diálogo com a sociedade moderna.²

Na abertura **da segunda sessão do Concílio** o papa Paulo VI convocou a Igreja a contemplar no espelho do Evangelho a face de Cristo e deixar-se renovar. *Renovada pelo evangelho* a Igreja poderá proclamar ao mundo: “Quem me vê, vê a Cristo”, da mesma maneira que Cristo havia dito de si mesmo “Quem me vê, vê ao Pai” (Jo 14,9).³

Retornar aos evangelhos e contemplar a face de Cristo significou para a Igreja tomar consciência de sua dupla realidade, divina e humana, santa e pecadora. A Palavra de Deus é recolocada no centro da vida da Igreja. Palavra que penetra o mais profundo do ser humano, suas medulas e consciência, perscruta os pensamentos e intenções do coração, vai aos recônditos da alma (Cf. Hb 4,12-13).

Qual a incidência da palavra da Igreja na sociedade atual? Haveria hoje uma perda da força da palavra na Igreja e na sociedade? Por que as palavras não ressoam nos corações da sociedade atual e não representam mais uma boa notícia? Qual o motivo do indiferentismo por parte de muitos diante da fala da Igreja? É como se a Palavra de Deus tivesse sido deixada pra trás, alijada no processo histórico de triunfos da Igreja. Teria a Igreja, no decorrer do processo histórico se distanciando da Palavra acentuando mais a ilusão da aliança com poderes civis e as pompas, ofuscado a luz do Evangelho de Cristo e as exigências de conversão aos pobres? Quais os sinais hoje que tocam o coração e a consciência das pessoas e grupos no mundo? O que significam as palavras e atitudes do Papa Francisco a nível intra e extra-ecclesial? Estamos favorecendo aos nossos fieis em nossas paróquias o conhecimento e a vivência a Palavra de Deus e da palavra da Igreja no Magistério?

Por um período a leitura da Palavra ficou restrita a uma elite religiosa pensante, assim como a sua interpretação, enquanto o povo de Deus foi imobilizado em qualquer iniciativa. Tudo se esperava da instância hierárquica. Transmitiu-se pouco a Palavra do Deus que se revela nos acontecimentos através da aliança e

² COMBLIN, José. *A força da palavra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. p. 345-346.

³ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*, op. cit., p. 61-62, Discurso de Paulo VI na abertura da segunda sessão.

ação com os Patriarcas, Profetas e Apóstolos. A força da Palavra foi como que abafada. Onde ficou a força da Palavra que moveu as pessoas no passado?⁴

O Concílio Vaticano propiciou o retorno à Bíblia que iluminou o processo histórico e deu consciência dos erros e ilusões do passado e da tomada de novas atitudes necessárias à ação evangelizadora para os tempos atuais.⁵ Faz-se necessário abrir-se aos sinais dos tempos, perceber onde Deus revela-se hoje na história e entrar em sintonia com a realidade dos destinatários.⁶

Urge, “na aurora de uma nova época precisamos alimentar o nosso conhecimento do evangelho de Jesus. Sem uma volta radical ao evangelho, o cristianismo poderá subsistir como uma entre muitas outras religiões”⁷. Quem vem mostrar o caminho de Jesus escolhido pelo Pai é o Espírito Santo. O exemplo de Jesusque reconheceu a ação de Deus nos pequeninos e exultou no Espírito interpela docilidade da Igreja à vivência do Evangelho que já emerge no meio do povo: “Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às Igrejas”. O que o Espírito diz e opera hoje nas comunidades cristãs?”.

O Espírito suscita à ação. A teologia tradicional havia separado a revelação da missão. No Concílio toma-se consciência que a palavra está na evangelização. A Palavra de Deus não é pura transmissão de conhecimentos, “é compromisso de uma pessoa que se dirige a outra para comprometê-la também”⁸. A partir do Concílio a Igreja católica na América Latina busca os sinais da Palavra de Deus na realidade. A palavra, antes de ser escrita, é acontecimento. Deus se dá a conhecer nos fatos do dia-a-dia e na palavra. O evento Jesus de Nazaré é a revelação: “O evangelho de Jesus não foi um discurso, mas a sua própria vida, e ele próprio. Para descobrir a revelação de Deus, a teologia há de estudar a história, perscrutar os acontecimentos”⁹.

Muitos teólogos, que fizeram o retorno ao Deus da Bíblia constataram que não se pode conhecer Deus através de atos intelectuais, mas pela ação na história. Deus é o principio e fim da história, propõe seu projeto de vida à humanidade que é o Reino. Caminhar na perspectiva do Reino de Deus é renovar a esperança de que o mundo pode ser melhor, “Deus revela-se na esperança ativa da ação transformadora da realidade”¹⁰. João XXIII expressou o desejo de renovação da Igreja pelos “ventos do Espírito” e indicou o retorno urgente ao Evangelho. Foi apelo que brotou no Concílio. Reunidos os pastores católicos do mundo inteiro, na vivência de um novo Pentecostes, falou-lhes o Espírito ao mais íntimo dos corações (Cf. Hb 3,7ss). Confrontada com a Palavra, na escuta atenta e obediente, a Igreja foi lembrada pelo Espírito da sua missão evangelizadora.

Deparamo-nos no preâmbulo da constituição dogmática *Dei Verbum* com o cunho bíblico-pastoral do Concílio Vaticano II, ao associar a Revelação à missão evangelizadora da Igreja: “Este Concílio, ouvindo religiosamente e proclamando com desassombro a palavra de Deus, obedece ao dito de são João: “Nós vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu, que vimos e ouvimos” (DV 1).

A presença do primado da Palavra de Deus fez-se sob duas formas: a centralidade da Palavra na Igreja, sistematizada no texto da Constituição Dogmática *Dei Verbum* e, no aspecto místico-litúrgico, era a Palavra iluminadora das decisões sobre a missão em todos os documentos. Foi bastante simbólica e motivadora a entronização da Palavra de Deus desde a primeira sessão conciliar. Colocada em destaque, iluminou os trabalhos dos Padres conciliares em todos os momentos, “exprimindo um novo momento de relação dos católicos com a Escritura”¹¹.

⁴ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 9.

⁵ Ibidem, p. 329-330.

⁶ Ibidem, p. 11-12.

⁷ COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2012. p. 462.

⁸ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 331.

⁹ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 15-16.

¹⁰ Ibidem, p. 16.

¹¹ LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 88.

Comunicar o dom de Deus ao mundo, a graça da salvação na pessoa de Jesus Cristo, é a missão da Igreja. Esta transmissão objetiva segundo a carta de João, criar comunhão entre os seres humanos e a comunhão com Deus. Reafirma-se o caráter pastoral do Concílio Vaticano II no objetivo da *Dei Verbum*: “propor a genuína doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão, para que, ouvindo o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, crendo espere, esperando ame” (DV 1).

A Revelação é iniciativa divina que dá ao ser humano o dom da fé como resposta, porém, concede Deus à humanidade o dom da liberdade diante de sua proposta: “Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (Ef 1,9), mediante o qual a humanidade, por meio de Cristo, Verbo encarnado, tem acesso no Espírito ao Pai” (DV 2).

Desenvolve-se a compreensão do Deus que se revela no diálogo, que se comunica com o ser humano e convida-o a participar de sua comunhão. Inclui-se a categoria “economia da salvação”¹². Rompeu-se o esquema rígido de compreender a revelação como um conjunto de verdades e concebe-se que a revelação é um acontecimento. O evangelho antes que um discurso é a própria vida de Jesus.¹³

A revelação é comunicação do dom especial de Deus à humanidade: Jesus Cristo, Palavra encarnada na história que dá acesso à comunhão trinitária. A salvação consiste em acolher a Palavra. Escutar a palavra que provém de Deus faz parte do núcleo do Credo do Antigo Israel “Ouve ó Israel!” e constitui também o apelo que Deus faz ao novo Israel: “Este é o meu Filho, o Eleito. Escutai-o!” (Lc 9,35). Ouvir e acolher a Palavra de Deus feito carne vinda ao mundo possibilita ao ser humano tornar-se filho de Deus e participe de sua grei, o povo de Deus (Jo 1,12-13). Jesus de Nazaré, plenamente humano e plenamente divino, é a chave de compreensão e acesso a Deus, do sentido da existência humana e da história, “Vede! Ele vem com as nuvens, e todo olho o verá – como também, aqueles que o traspassaram [...] Eu sou o Alfa e o Ômega”, diz o Senhor Deus, “aquele que é, que era e que vem, o Todo-poderoso” (Ap 1,7-8). Em Jesus Cristo e seu Mistério Pascal, a existência humana e a história ganham sentido, Ele é o próprio *eschaton*.

Apresenta-nos a Constituição *Dei Verbum* uma leitura teológica da história que supera a separação sustentada por muitos séculos na Igreja de que havia duas histórias, uma Sagrada onde Deus agia e a história profana lugar de atuação humana. A entrada do Verbo de Deus na história através do Espírito e do consentimento humano em Maria, sua *kenosis* e práxis histórica fundada no amor e na misericórdia ganham plenitude na doação total até à glorificação na Cruz e ressurreição.

Com o mistério pascal de Jesus Cristo rasgou-se o véu do tempo e a história é permeada por completo do sagrado, já não existem duas histórias. Jesus é o Deus conosco que assume as contradições humanas em si e une definitivamente o humano ao divino. Presentes, o Verbo e o Espírito, desde a criação do universo (Gn 1,1-2.26; Jo 1,3), Deus revela plenamente no Filho o seu projeto (Hb 1,1; Jo 1, 14-18; 3,34; 5,36; 14,9) e convida a pessoa humana, numa relação amorosa e dialogal, a aderir ao seu plano salvífico.

Responder à proposta feita por Deus através da Palavra viva encarnada e atuante na comunidade e na história é ação do Espírito Santo no coração humano. Resposta e adesão a que se dá o nome de fé, dom do Espírito que respeita a liberdade humana. Acaba-se o grande jejum do acesso à Palavra na vida do povo de Deus. O Concílio recoloca a Palavra reveladora no centro da vida da Igreja.¹⁴

Vivenciar o tempo do Concílio Vaticano II, como uma volta às origens, foi a experiência dos Padres conciliares. Obedientes ao convite outrora feito ao Antigo Israel: “Ouve ó Israel”, o novo Israel, Igreja de Cristo, desejou ouvir a voz do Senhor e recolocou a Palavra no centro, como o grande facho de luz que alumia a assembleia que repensava a si mesma e os rumos da missão. Foi ação maravilhosa do Espírito que desejava realizar coisas novas em sua obra. Sob o teto da esplendorosa Basílica de São Pedro os sucessores

¹² LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 90.

¹³ Ibidem, p. 90-91.

¹⁴ LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*, op. cit., p. 91.

dos Apóstolos foram convidados por aquele que a Igreja tem como o sucessor do pescador da Galiléia a escutar, estudar e rezar a Palavra e ouvir o que “O Espírito diz às Igrejas”.

O Concílio Ecumênico Vaticano II ao reunir bispos do mundo inteiro sob a condução do Espírito Santo realiza a comunhão eclesial e tem o significado de um novo Pentecostes. Congregados em torno da Palavra e ouvindo depoimentos do mundo todo, os Padres Conciliares foram tocados pelas mais diversas realidades: dramas de guerra, miséria, perseguições, martírios. Aforçadotestemunhodaféeperseverançaareacendeuachamadoseguimentoedamissãoe anunciarCrucificado-Ressuscitadoaomundo. ForamacolhidosnocoraçãodaIgrejaosanseiosdopovodeDeusque, há séculos, esperaoreconhecimento da igual dignidade na participação do triplicemúnus de Jesus Cristo. RenasceateologiadopovodeDeus.

Escuta da Palavra e escuta do povo de Deus. No exemplo de Pedro e João que fortalecidos no Espírito do Crucificado-Ressuscitado iam ao Templo para a oração e no caminho foram tocados pelos clamores do pobre. Pedro dá sua resposta: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou” (At 3,6). Proibidos de falar no nome de Jesus, Pedro e João testemunham com firmeza a fé construída sobre a “pedra que foi rejeitada pelos homens e tornou-se a pedra angular: Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, que obedecemos antes a vós do que a Deus!” (At 4,19).

Uma Igreja que tem seu tesouro e confiança no Crucificado-Ressuscitado sem alianças com poderes terrenos ou presa a privilégios e riquezas, age com liberdade movida pelo Espírito da compaixão solidária aos sofredores na realização do plano do Pai. A retomada do Primado da Palavra na Igreja reanimou a consciência da missão de transmitir a mensagem do Evangelho ao mundo e uma necessária “Volta ao primeiro amor!” (Ap 2,4-5). Voltar à Tradição Bíblica significa também mergulhar nas origens da Revelação da fé cristã e reencontrar-se historicamente com a experiência da fé abraâmica, com o Deus da promessa e o povo querido e eleito por Ele (DV 14).

No Vaticano II a voz do cardeal Lercaro levantou-se sobre a necessidade de uma Igreja dos pobres. A Igreja foi conclamada a partir do Evangelho de Cristo a dar as suas respostas aos grandes anseios do povo de Deus, dos pobres no mundo do trabalho, dos feridos pela violência nas grandes guerras aos que perderam o sentido da existência e a esperança. No retorno ao Primado da Palavra reencontrou-se o Deus do povo e o povo de Deus. A concretização dos apelos do Espírito através de João XXIII e alguns cardeais dar-se-á em Medellín e Puebla.¹⁵

Redescobriu-se na América Latina com a releitura da Bíblia a partir da ótica dos pobres e marginalizados que o Reino de Deus já está e se faz presente na vida comunitária, nos gestos de solidariedade e defesa da vida. Cresceu a consciência de que os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho. Através das janelas da Bíblia os pobres enxergaram novos horizontes de esperança e a vocação a que são chamados e redescobriram sua vocação de povo de Deus. Reencontraram o Deus da Aliança e da Aliança com Deus¹⁶

Encontraram Jesus nos evangelhos e nos pobres. Os pobres se reconheceram nos evangelhos. A pedagogia de Deus através de Jesus na sua *Kenosis* e encarnação no meio dos pobres iluminou a caminhada do povo de Deus. O reencontro com a humanidade de Jesus suas ações solidárias com os desvalidos e o confronto com os poderosos levou ao desfecho final da condenação e morte na cruz e possibilitou a identificação com os que se confrontavam com os poderes opressores na defesa da dignidade humana. A agonia e o grito de Jesus na cruz ecoaram na agonia e no grito de milhões de crucificados na América Latina. Percebeu-se a solidariedade de Deus com todos os sofredores do mundo.¹⁷

Ecoou o grito de milhões no coração do Episcopado latino-americano reunido na Conferência em Medellín no ano de 1968. Voltar à Bíblia e à realidade fez perceber que dentro do programa da missão de Jesus constava ir

¹⁵ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 17-18.

¹⁶ Ibidem, p. 19-20.

¹⁷ Ibidem, p. 25-30.

às ovelhas perdidas da casa de Israel. Jesus procurou as que estavam rejeitadas pelos falsos pastores e se apresentou como o Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas (Mt 9, 35-36; 11,28-30; Jo 10). O anúncio dirige-se prioritariamente aos pobres se aproxima deles com a mensagem de libertação.

Jesus o Verbo Divino feito carne (Jo 1,14) congrega o povo de Deus e o organiza para as ações em favor da vida. O Bom Pastor contempla a multidão faminta e sedenta, e a alimenta com a Palavra do Pai renovando a esperança do Reino orientando-a à organização para o milagre da partilha: “Vejam os que eles tem e organize o povo em grupos de cinquenta e de cem” (Mc 6,39-40). Urgente se faz desenvolver ações que visem saciar a sede da Palavra de justiça e de paz pela qual padece o povo de Deus em nossa Diocese, sobretudo os empobrecidos e marginalizados. Deus prefere os pobres não por serem os melhores mas exatamente por necessitarem de ser amados, acolhidos e compreendidos. A opção pelos pobres não é porque eles são bons e os ricos são maus, todos são herdeiros do Reino de Deus “maus e bons” (Mt 22,10).¹⁸

Coloca-se para a Igreja Diocesana de Iguatu a urgente necessidade de reflexão sobre a formação para evangelização que realizamos e o investimento na formação integral e permanente de nossos agentes através dos cursos, círculos bíblicos, escolas paroquiais da Fe, encontros zonais, Escola Diocesana. De que maneira podemos desenvolver uma formação e evangelização que favoreça o encontro existencial e comunitário com Jesus Cristo e desperte para o compromisso com as ações *ad intrae* o testemunho do compromisso com o Projeto de Deus nas estruturas do mundo? A formação bíblica e a base de sustentação de toda a vida e missão da igreja. O encontro com Jesus Cristo na Palavra e na comunidade nos leva ao compromisso missionário e à saída ao encontro do outro para formar comunidade, para nos solidarizarmos com os sofredores e a defesa da vida. Jesus e o missionário do Pai que vem na força do Amor, o Espírito Santo, reúne o povo de Deus e restaura a comunhão fraterna.

I- Povo de Deus reunido e animado pela Palavra na defesa da vida!

Esse Deus que se relaciona através da história estabelece aliança com a práxis humana que faz a história pelo trabalho, destinada a uma utopia, uma meta a ser realizada: *o novo céu e a nova terra, as pessoas ‘usufruirão do fruto de seu trabalho, construirão casas e nelas habitarão, plantarão vinhas e comerão dos seus frutos...’* (Is 65,17-25). Há uma perspectiva histórica, ao mesmo tempo, e escatológica (Ap 21,1-7; 22,1-5). O universo brota de uma liberdade que é Deus e passa por outras liberdades em direção a seu fim. A revelação de seu nome no acontecimento histórico do êxodo fala de um Deus que está presente na história humana (Ex 3,15).

Deus, com efeito, nos ouvidos hebreus, soa como a primeira pessoa do verbo ser, existir. Deus se dá a conhecer como Pessoa, Eu Sou! Liberdade, relação. Jesus assume essa revelação do Pai. A comunidade cristã leva algum tempo para assimilar que em Jesus se dá a revelação do divino, e no decorrer do processo histórico reconhecerá em sua pessoa a presença do Deus conosco. A experiência pessoal de Moises (Ex 3,7-10), de Jeremias (Jr 1,4-10), Maria de Nazaré (Lc 1-2) foi sempre em favor do povo de Deus! A experiência pessoal com Jesus Cristo nos remete para a o novo povo de Deus a Igreja, povo querido pelo Pai, reunido no Filho e animado pelo Espírito. Portanto, uma vivência comunitária da Fe.

Como oferecer uma catequese bem fundamentada na Bíblia e na Tradição, encarnada na história, em diálogo com a realidade e vivencial do Mistério Pascal de Jesus Cristo? Como gestar cristãos comprometidos com a ética cristã, conhecedores da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, capazes de dar o testemunho de Jesus Cristo nas instâncias mais diversas da sociedade? Como formar cristãos capazes de dialogar com o Pluralismo Cultural e Religioso presentes hoje em nossa sociedade com autêntico testemunho cristão do respeito e fraternidade? De que modo nossa catequese/liturgias podem favorecer a experiência pessoal e comunitária de Jesus?

O que os apóstolos viram? Um homem: Jesus de Nazaré que nos seus gestos, palavras e abertura ao homem revelou Deus presente na vida das pessoas, na história. Não lhes disse “Eu sou Deus”, mas lhes fez conhecer a Deus refletindo a partir dos acontecimentos diários e da releitura das Escrituras. Eles viram os sinais que ele

¹⁸ COMBLIN, José. *A força da palavra*, op. cit., p. 36-43.

realizava, carregados de significados, e em seguida levados a se perguntar sobre o sentido, o que estava por trás dos sinais. Assim puderam ver algo mais que um homem, mas o próprio Deus conosco (Lc 7,14).

Mesmo tomando a iniciativa Deus sempre preserva a liberdade humana em acolhê-lo ou não: “*Eis que estou à porta e bato, se você abrir eu entro...*” (Ap 3,18-20). A imagem de Deus peregrino, mendigo, apaixonado, difere do conceito de Imutabilidade, Perfeição e Onipotência? É possível conciliar estas duas percepções e linguagens sem cair em extremismos e deformações? Qual a linguagem que mais se aproxima dos anseios e esperanças da humanidade hoje? Qual a linguagem da nossa catequese e pregações? Evidenciamos a Graça que é Jesus Cristo? Anunciamos mais a misericórdia divina ou as condenações ao inferno?

A quem Jesus anunciou? “*Meu pai trabalha sempre, e eu também trabalho*”. Esse que trabalha que chora se comove e sofre é o mesmo Deus que apesar de não precisar, por sua natureza divina, quis livremente se encarnar, mudar, amar, padecer e se entregar em toda a extensão da palavra amor (Gal 2,20). Neste sentido, a revelação daquilo que decidiu livremente nos abre o caminho para o mais profundo que é: amor e liberdade absoluta, nos capacitando para assumir a nossa identificação com Ele de sermos sua imagem e semelhança, conformados em Jesus Cristo sob a ação do Espírito.

II- IGREJA EM SAÍDA: “Num mundo dilacerado por dominações, discórdias, egoísmo e violências, brilhar como sinal profético de serviço, de unidade, de solidariedade e de paz”!

Eu o Senhor, te chamei para a justiça e te tomei pela mão. Eu te formei e te encarreguei de seres a aliança do meu povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros, da masmorra os que estão em prisão escura. (Is 42,6-7).

Emerge no Concílio Vaticano II, do silêncio de séculos, a teologia do povo de Deus. Ressurge o povo da Aliança e a consequente missão recebida: nação santa, povo sacerdotal e régio (1Pd 2,1-10). Mergulhar na Palavra e na Tradição significou para a Igreja redescobrir os tesouros, as joias espirituais e as roupas com que a Esposa de Cristo deveria estar ornada e revestida para agradá-lo: humildade, serviço, compaixão. Mergulhar de novo no Mistério Pascal e lavar-se das manchas do autoritarismo, da arrogância e acúmulo de riquezas, significou redescobrir-se servidora e pobre “O ‘povo de Deus’ é o conceito que mais expressa o ‘espírito’ do Vaticano II. Se quiséssemos numa palavra exprimir o que trouxe o Vaticano II para a Igreja, precisaríamos dizer: lembrou à Igreja que ela é o povo de Deus”¹⁹.

A novidade do esquema final da *Lumen Gentium* é que apresenta a Igreja como Mistério querido por Deus, encarnado historicamente no povo de Deus, dentro dos outros povos, e a instituição hierárquica como serviço. Significou, segundo Congar, retornar e valorizar o caminho que Jesus fez: reunir e instruir os discípulos, escolher os doze e confiar-lhes o serviço: “É no interior de um povo caracterizado pelo serviço como sua forma própria de existência que certos membros são colocados em posição de comando, que é apenas um posto de responsabilidade e serviço”²⁰.

O Concílio Vaticano II optou pela ênfase na Igreja Mistério no primeiro capítulo, em seguida a concretização histórica como Povo de Deus, só depois o capítulo sobre a Hierarquia. Houve uma guinada na perspectiva eclesiológica, que até então se propunha baseada na concepção hierarcológica da *Societas Perfectae*. Até ali se acentuava a sequência: Mistério da Igreja, Hierarquia, povo de Deus em geral. Importa destacar a introdução do termo “Povo de Deus”²¹ no segundo capítulo da Constituição *Lumen Gentium*, nela é expressa com clarividência a realidade da Igreja mistério querido por Deus, realizado plenamente na Nova Aliança em Jesus Cristo. Evoluiu-se para a concepção do sacerdócio comum dos fiéis pelo Batismo e afirmou-se a participação no tríplice múnus de Cristo:

¹⁹ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 9 (citação feita na nota de rodapé nº 1 deste trabalho).

²⁰ CONGAR, Yves. *L’Eglise comme peuple de Dieu. Concilium*, Paris, t. I, f. 1, p. 15-32, 1965. p. 16.

²¹ *Ibidem*, p. 18.

Cristo estabeleceu este novo pacto, isto é, a nova aliança do seu sangue (1Cor 11,25), formando dos judeus e dos gentios, um povo que realizasse a sua própria unidade, não segundo a carne mas no Espírito, e constituísse o novo povo de Deus. Os que creem em Cristo, renascidos de uma semente não corruptível mas incorruptível pela palavra do Deus vivo (1Pd 1,23), não da carne, mas da água e do Espírito Santo (Jo 3,5-6), constituem ‘uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de Deus de sua particular propriedade [...]’ que outrora não o era, mas agora é o povo de Deus. (1Pd 2,9-10). (LG 9).

Percebemos o percurso histórico da teologia do povo de Deus e de que maneira o Concílio evidenciou o Mistério do povo de Deus e a repercussão na missão: “Agora a missão às nações do mundo aparece como o movimento histórico que define o modo de ser da Igreja. O novo povo de Deus entra no mundo como missionário – existe em forma de missão. Essa é a escatologia em via de realização no tempo”²².

Redescobriu-se no Vaticano II o caráter messiânico e escatológico da Igreja, na perspectiva histórica da Revelação.²³ O Concílio concebeu a Igreja sob a lógica da *kenósis* e da Encarnação assumidas por Jesus Cristo, ela efetiva-se historicamente como mistério divino e humano. É sacramento de Cristo e do Reino do Pai, daí o caráter messiânico ao assumir o tríplice múnus na história.

Foi intuição do Papa João XXIII imprimir um tom pastoral ao Concílio Vaticano II quando se referiu aos desafios do mundo moderno em vez das condenações do passado há o convite à misericórdia. A Igreja para exercer sua missão na história deve olhar para o bom pastor e suas atitudes fundamentais: serviço, misericórdia, compaixão solidária.

A *Lumen Gentium* apresenta a Igreja como Mistério ou realidade divina na relação com a Trindade e o Reino. Enquanto instituição de caráter divino é, ao mesmo tempo, humana, situada historicamente (LG 8): “Há forte analogia na relação entre a divindade e a humanidade em Jesus Cristo e a relação entre mistério e realidade visível, histórica da Igreja”²⁴. É povo peregrino. Mergulhado pelo batismo na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito, faz-se presente e atuante nas realidades do mundo, em comunhão com as dores, esperanças e alegrias da humanidade.²⁵

Dá-se no Vaticano II o passo para superar uma visão “espiritualizada e desumanizada da Igreja”²⁶. Movido pela fé, esperança e caridade o povo de Deus busca o Reino prometido, vivenciando sua dimensão escatológica. Nisto consiste a missão entre os povos da terra de testemunhar pela vivência os valores do Reino e apontar para a sua plenitude.

Constatamos que, no Novo Testamento, o povo de Deus não está separado dos outros povos. Vive no meio deles participando da sua vida. Não se instala por costume ou leis que o distingam dos outros habitantes da terra. Não se distingue pela distância ou pela diferença. Distingue-se por nova relação que é a missão de testemunhar o Deus Amor.²⁷

Diferentemente do Antigo Israel que se coloca no meio dos outros povos numa perspectiva exclusivista da eleição e salvação, o Novo Israel, a Igreja, solícito aos apelos do Espírito e atento aos Sinais dos tempos apresenta-se aberto ao diálogo e disponível ao serviço da humanidade. É como se a missão do povo de Deus, antigo e novo Israel, fosse reduzida ao aspecto cultural litúrgico e as realidades da humanidade em que estava inserido não lhe dissessem respeito.

²² COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 30-31.

²³ CONGAR, Yves. *L’Eglise comme peuple de Dieu. Concilium*, p. 19.

²⁴ *Ibidem*, p. 22.

²⁵ Constituição *Gaudium et Spes*, 1. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 539.

²⁶ *Ibidem*, p. 25.

²⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 30.

Perdia-se a concepção do Mistério divino e humano da Igreja, identificando-a apenas como realidade divina, embora agisse e se estruturasse, à imagem das instituições humanas. Toda a humanidade é chamada a pertencer ao novo povo de Deus, para promoção da paz universal, e tem por fundamento a Trindade (LG 13). Ao celebrar a liturgia a Igreja vivencia uma relação de proximidade amorosa com seu Esposo enquanto comunidade de fiéis que está a caminho do Reino definitivo, que ela testemunha nas trilhas da história. Comblin comenta:

Se a Igreja é povo de Deus, isso quer dizer que o seu ministério de comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo se vive e se realiza numa condição de povo... O mistério da Igreja não se vive num mundo paralelo ao mundo dos povos terrestres, num mundo espiritualizado, supraterebre, num mundo de almas, num mundo puramente religioso. A religião é parte de um povo, mas não é o povo. Se a Igreja é povo, isso quer dizer que ela não se limita à dimensão religiosa da vida, mas penetra toda a diversidade do ser humano.²⁸

A *Lumen Gentium* exorta que o múnus profético do povo de Deus dá-se através de um testemunho vivo de Cristo no meio dos povos e culturas “Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o povo de Deus e o orna de virtudes, mas repartindo seus dons ‘a cada um como lhe apraz’ (1Cor 12,11)” (LG 12).

Vivenciar o tríplice múnus de Cristo na história é missão do povo de Deus. Prestar o grande culto ao Deus da vida dentro de estruturas sociais muitas vezes hostis e negadoras do projeto do Pai é tão desafiador como foi pra Jesus. A lógica do amor e doação assumida por Ele e recebida pelos cristãos nos sacramentos vai de encontro à lógica do mundo que é de dominar, levar vantagem em tudo. A lógica da Encarnação do Verbo de Deus na história não entra em choque com sua divindade. Assim é convite aos seguidores de Jesus a enfrentar os desafios da missão. Diz- nos Comblin:

Deus faz a Igreja mas por intermédio de criaturas humanas livres – assim como Jesus funda a Igreja pela sua humanidade e não puramente por decreto de sua divindade. Funda-a por uma série de atos humanos plenamente humanos, e não há conflito entre a divindade de Jesus e sua humanidade. O cristão é membro do povo de Deus em todas as atividades humanas dentro da cultura de um povo particular. Ser membro do povo de Deus não é separar-se dos outros para praticar atos separados, como atos religiosos.²⁹

Compreender-se Sacramento do Reino de Deus na terra e, ao mesmo tempo, colocar-se como povo de Deus em busca do Reino que ainda não é pleno coloca a Igreja em sintonia com a perspectiva escatológica do Antigo Israel em busca da Terra prometida. Igreja é povo a caminho. Transparece essa linha de continuidade entre o Antigo e o Novo Israel, Igreja de Cristo, no qual a Aliança com o Pai foi realizada definitivamente na práxis de Jesus Cristo sob a condução do Espírito e a colaboração dos apóstolos (Gl 3,29).

A retomada da temática do povo de Deus pelo Concílio Vaticano II significou de fato um retorno à Bíblia, como havia se proposto, já que esta questão tem centralidade básica. Explicita a continuidade entre o povo da antiga aliança e o novo povo de Deus, a Igreja, enquanto povo eleito por Deus para ser sinal através da aliança no mundo.³⁰

Cresceu a partir do Concílio a consciência de que a vocação do povo de Deus em meio a um mundo utilitarista e egoísta é manifestar o grande sinal do amor que se traduz em serviço gratuito ao próximo. Nisto o povo de Deus se distingue dos outros povos: a missão como serviço. Esta é a grande novidade em relação ao antigo Israel.³¹ É o sinal profético diante das nações cujos chefes “as tiranizam e dominam, mas entre vós não deve

²⁸ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 135.

²⁹ Ibidem, p. 134-135.

³⁰ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 28-29.

³¹ Ibidem, p. 30-31.

ser assim. Quem quiser ser o maior, se faça o servidor de todos” (Mt 20,25-28; Mc 9,33-37; Jo 13,1-17; Lc 17,7-10).

A Igreja de Cristo é convidada a brilhar como um sinal profético de unidade e de paz num mundo dilacerado por discórdias. Urge o testemunho da comunhão fraterna e da participação entre as pessoas, grupos, pastorais e movimentos eclesiais a partir do Múnus Sacerdotal de Jesus Cristo. Como esta dimensão do Múnus Sacerdotal de Jesus Cristo esta se efetivando em nossa Diocese? O que temos feito para construirmos mais comunhão e participação em nossas comunidades?

Os cristãos eram convidados a abandonar os instintos egoístas, não abandonar a história: “[...] disponham-se ao serviço uns dos outros através do amor. Pois toda a Lei encontra a sua plenitude num só mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’ (Gl 5, 13-14). A Igreja é novamente exortada pelo Concílio a crescer no exercício da justiça e da caridade para a vida do mundo (Gal 6,1-3), no diálogo e no serviço solidário ao próximo, é o que irá tratar a *Gaudium et Spes* (GS).

III- “No coração da Igreja palpitam: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias da humanidade”. Urge a Defesa e promoção da vida!

No sábado ele começou a ensinar na sinagoga, e muitos dos que o ouviam se admiravam. ‘De onde lhe vem isso?’, diziam. ‘Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E esses milagres realizados por suas mãos? Não é ele o carpinteiro?’ (Mc 6, 1-3a).

A Igreja, obra querida por Deus tem como referencial primeiro a pessoa e a práxis de Jesus que convida e envia seus seguidores a promover a paz a serem sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,9-16). O papa João XXIII sob a lógica da Encarnação reafirmou a presença e a atuação do Verbo de Deus na história e pelo Espírito Santo impulsiona hoje a Igreja a abandonar a visão pessimista frente aos avanços da sociedade moderna: “Almas sem confiança veem apenas trevas acinzentando a face da terra. Nós preferimos reafirmar toda a confiança em nosso Salvador, que não se afastou do mundo”³².

Durante séculos, sobretudo no século XIX, os papas multiplicaram sem cessar as profecias de desgraça, condenaram toda a evolução do mundo e da sociedade ao detectar na modernidade apenas erros, pecados e loucuras. João XXIII pretende partir de visão otimista, olhar prioritariamente as novas oportunidades oferecidas pela sociedade contemporânea e pela evolução do mundo. Em segundo lugar, o papa proclama que “agora a esposa de Cristo prefere fazer uso do remédio da misericórdia mais do que da severidade”³³.

Ao introduzir o conceito moderno de tempo e história na teologia o Concílio Vaticano II restaurou a perspectiva escatológica do povo de Deus³⁴. A Igreja está inscrita numa história da salvação da humanidade. “A própria Igreja não ignora quanto tenha recebido da história e da evolução da humanidade” (GS 44a).

Há um intercâmbio entre a Igreja povo de Deus e os outros povos, no dinamismo da solidariedade a Igreja fermenta e transforma a história e a torna mais humana pelo Evangelho de Cristo (GS 40b). Vislumbra-se o caráter escatológico do povo de Deus nesta “compenetração entre a cidade terrestre e celeste” (GS 40c).

Afirmamos o aspecto escatológico como característica identitária do povo judeu e legado primordial ao cristianismo, pois carrega em si o fermento da esperança de povo peregrino que nunca se instala neste

³² João XXIII, *Humanae Salutis*. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 10.

³³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 6-7.

³⁴ *Ibidem*, p. 32-33.

mundo.³⁵ É o Reino de Deus que chega e emerge na pessoa e prática de Jesus de Nazaré, o próprio *eschaton*, principio e fim de tudo. O Reino do Pai é o paradigma da ação de Jesus e por isso a Igreja torna-se Sacramento do Reino no mundo.

Distanciar-se da veia bíblico-profética acarreta para a Igreja o risco de cair na visão maniqueísta de satanização da realidade “*ad extra*”. Infelizmente foi o caminho escolhido pela hierarquia durante séculos. Congar diz que uma das maiores recuperações da teologia católica contemporânea foi a do sentido escatológico que supõe um sentido da História e do desígnio de Deus que leva tudo a uma consumação.³⁶ Há uma meta para o povo de Deus realizar na história e para além da história.

O Concílio cria as bases para a *Gaudium et Spes* e a *Ad Gentes* com a eclesiologia do povo de Deus. A abertura da Igreja ao intercâmbio com os outros povos e culturas e com todos os avanços da sociedade moderna não teria sido da mesma forma³⁷ sem compreender-se povo de Deus. Abrir-se ao diálogo com as pessoas de boa vontade, crentes e não crentes, para realizar a missão nas diversas realidades do mundo é grande desafio que se impõe à Igreja (GS 44b).

A convergência do ponto de diálogo é Jesus, palavra de Deus feito pessoa humana. Os Padres Conciliares retornam aos evangelhos e reencontram a pessoa do Deus que se fez humano para que o humano se aproximasse dele. Compreendeu-se que é possível dialogar com cristãos, não cristãos e não crentes a partir das aspirações da humanidade à felicidade e respeito à dignidade humana. Chegava-se a um dos objetivos de João XXIII que se preocupou em anunciar o evangelho para os tempos modernos.

Coloca-se assim o desafio do testemunho de diálogo entre os cristãos. Diz-nos Comblin: “O conceito de povo de Deus abre uma porta – sinalizando que há várias maneiras de pertencer a um povo. Foi por aí que o Concílio entrou. Toda a discussão concentrou-se em torno da famosa fórmula *subsistit in* (“ela subsiste em”)”.³⁸ O Concílio com a fórmula *subsistit in*, diz que o povo de Deus “está *presente* na Igreja católica, e não exclui que possa subsistir de alguma maneira em outras comunidades cristãs ou eventualmente em outras religiões” (LG 8b, 13d).³⁹

O povo de Deus traz em seu seio a chama da esperança, a perspectiva da Terra prometida, o Reino de Deus como horizonte de esperança. A Igreja de Cristo através da perspectiva escatológica assume o caráter dinâmico da história e na esperança cristã anima a humanidade a comprometer-se com a construção de um mundo melhor. Há um sentido para a existência humana, um projeto a se cumprir. O Projeto de Deus não se opõe aos anseios da humanidade, antes, vem ao encontro do ser humano e se solidariza com ele.

Foi uma profunda e grande espera dos pobres nos subterrâneos o verdadeiro povo de Deus que emergiu das catacumbas da história e mostrou o rosto no cenário latino-americano. Segundo Gauthier, espera existencial dos que conheciam o coração de Jesus de Nazaré e sabiam que tinham lugar especial em seu projeto, mas há séculos foram relegados às sombras da instituição que deveria ser a sua casa primeira.⁴⁰

Na carpintaria de Nazaré fez-se atuante o Verbo de Deus que trabalhou na obra da Criação com o Pai (Jo 1,1-3), agora Encarnado na história vem para dentro de uma família trabalhadora. Assumiu plenamente a humanidade e a dignidade do trabalho com as próprias mãos (GS 22). A centralidade da Palavra no Concílio realizou o reencontro com o Deus do trabalho, Jesus de Nazaré, trabalhador do Reino do Pai: “Meu Pai trabalha sempre, por isso, eu também trabalho!” (Jo 5,17).

³⁵ COMBLIN, José. *Epístola aos Efésios: comentário bíblico/NT*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 23.

³⁶ CONGAR, Yves. *L’Eglise comme peuple de Dieu. Concilium*, p. 21.

³⁷ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 33.

³⁸ Ibidem, p. 34.

³⁹ Ibidem, p. 35.

⁴⁰ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*, op. cit., p. 164.

A esperança dos trabalhadores do mundo inteiro, explorados pela revolução industrial, foi reanimada com as palavras do Papa João XXIII, em seu discurso em 11 de setembro de 1962: “A Igreja deve mostrar-se ao mundo o que ela é e deseja ser, Igreja de todos em especial Igreja dos pobres”. De que maneira o Concílio poderia acolher o sopro do Espírito na voz de Ângelo Roncalli? Há séculos o mundo dos pobres, mundo do trabalho, ansiava por uma palavra da Igreja em seu favor:

De Nazaré onde Jesus viveu e trabalhou, operários e operárias, muitos dos quais consagrados a Cristo na vida apostólica dos ‘Companheiros do Carpinteiro’, nos dirigiram uma pergunta, a nós, padres do Concílio, em nome de seus irmãos trabalhadores e pobres do mundo inteiro. Sentindo uma cisão entre a Igreja em sua situação social e o mundo dos trabalhadores, que formam a imensa massa da humanidade, eles nos disseram de seu sofrimento e colocaram em nós sua esperança.⁴¹

Quebra-se um tabu secular ao falar do povo de Deus e de uma Igreja dos pobres. Bispos do mundo inteiro ao compartilharem suas realidades fizeram emergir o problema da riqueza e da pobreza, dos milhões de Lázarus e pouquíssimos Epulões. A Igreja abre-se ao diálogo com o mundo do trabalho e aos sinais dos tempos, expresso na *Gaudium et Spes* 1, revela nova compreensão da relação Igreja e realidade.

A Igreja acolhe e interpreta as aspirações e clamores dos sofredores e pobres como sinais do Espírito, que revelam a orientação do plano divino operante no amor redentor de Cristo e, apresenta critério para a ação dos cristãos na sociedade:

O Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, fazendo-se homem e vivendo na terra dos homens, entrou como homem perfeito na história do mundo, assumindo-a e recapitulando-a. Ele revela-nos que ‘Deus é amor’ (1Jo 4,8) e ensina-nos ao mesmo tempo que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor.⁴²

Entendemos que a teologia do povo de Deus também fundamentou a promoção dos leigos e revelou a intenção do Concílio de superação do clericalismo. Os leigos tinham liberdade de ação nas realidades sociais e lá representavam a Igreja: “O Concílio quis reconhecer a chegada dos leigos à idade adulta. Queria que os leigos sentissem que sua importância na Igreja era finalmente reconhecida [...]. Os leigos são o povo de Deus e tudo o que se refere a eles vem da participação no povo de Deus”⁴³.

Reabilitou-se a missão dos leigos com base na universalidade dos carismas e dons do Espírito (1Cor 12,11; LG 12b). O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja (LG 33a), “O Vaticano II põe fim a 150 anos de predomínio da distinção entre *ecclesia discens e ecclesia docens*. Os cristãos leigos são reconhecidos como membros ativos [...]. Há quem ache que a promoção dos leigos é o elemento principal do conceito de povo de Deus”⁴⁴. Uma Igreja Mãe e Mestra, que gera seus filhos e filhas e os prepara pra assumirem a defesa do dom maior de Deus: a vida e a dignidade humana, sendo sal, luz e fermento do Evangelho de Cristo no mundo.

⁴¹ GAUTHIER, Paul. *O Concílio e a “Igreja dos pobres”*, op. cit., p. 5.

⁴² *Gaudium et Spes*, n. 38. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965; COSTA, Lourenço (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*, op. cit., p. 581.

⁴³ COMBLIN, José. *O povo de Deus*, op. cit., p. 40.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 49-50.